



SEÇÃO: RESENHAS

Sociologia Digital: uma breve introdução*Digital Sociology: A brief introduction***João Pedro Theves¹**orcid.org/0000-0002-5467-9632
joao.theves07@gmail.com**Recebido em:** 3 set. 2025.**Aprovado em:** 29 set. 2025.**Publicado em:** 17 nov. 2025.

Resumo: A resenha tem como objetivo elucidar os principais aspectos do livro *Sociologia Digital: uma breve introdução*, de Leonardo Nascimento. Ao escrevê-lo, o autor se propõe a fazer a retomada e a apresentação de uma série de debates acerca do uso da tecnologia, da internet e das mídias digitais como foco da sociologia, bem como das tensões e possibilidades da existência do campo da sociologia digital e do que significa o "digital" que acompanha o nome desse novo campo de estudos e reflexões sociológicas.

Palavras-chave: sociologia digital; digital; metodologias; internet.

Abstract: Abstract: This review aims to elucidate the main aspects of Leonardo Nascimento's book *Digital Sociology: A Brief Introduction*. In writing it, the author proposes to revisit and present a series of debates about the use of technology, the internet, and digital media as a focus of sociology, as well as the tensions and possibilities of the existence of the field of digital sociology and what "digital" means in the name of this new field of sociological studies and reflections.

Keywords: digital sociology; digital; methodologies; internet.

O Livro *Sociologia Digital: uma breve introdução*, de Leonardo F. Nascimento, publicado em 2020, é uma obra de curta duração mas que traz excelentes percepções e tensionamentos sobre o passado, o presente e o futuro, ou melhor, trajetórias e novos horizontes para a sociologia digital e, ainda, a sociologia digital no Brasil. O livro é composto por uma introdução e quatro capítulos, os quais serão individualmente apresentados a seguir.

Na introdução do texto, o autor nos traz um misto daquilo que pretende trabalhar ao longo da obra, seja em termos de uma transformação dos fazeres sociológicos e dos campos da sociologia, seja uma nova forma de olhar para a disciplina ou, ainda, um jeito específico de olhar para o digital, isto é, "não tentar interpretar digitalmente as tecnologias digitais" (Nascimento 2020, 8-9).

No primeiro capítulo, "A digitalização do eu na vida cotidiana", o autor tece um apanhado de diferentes percepções sobre a própria sociologia digital, uma espécie de delineamento de diferentes questões que permeiam e permearam o trabalho de ter o digital como objeto da sociologia. Com relação às características do digital, Nascimento (2020, 13) o delinea como geral (ou melhor, universal), revolucionário (não se pode voltar para o antes ou evitar seus efeitos). Ainda, recorrendo a ou-



¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

tros pesquisadores, propõe a partir de Boullier (2016) o digital como pervasivo (em termos de sua infiltração, propagação ou difusão); ou, a partir de Salanskis (2011), como uma "mutação transversal da revolução informática"; ou, ainda, a partir de Fish et al. (2011), Lupton (2015) e Marres (2017), definido a partir do conceito de "fato social total", de Marcel Mauss, na tentativa de expressar como o digital vai afetar "todos os aspectos da vida humana organizada: econômico, estético, cultural, o religioso, físico, geográfico, emocional/ pessoal" (Fish et al. 2011, 181).

Outro aspecto interessante, vindo de Selwyn (2019), faz menção à urgência do campo da sociologia digital. Para o autor, "a sociologia digital nos permite ter um senso melhor do mundo digital em que estamos vivendo [...], fornece um modo de formularmos questões melhores para a sociedade digital" (Selwyn 2019, 22). E ainda que o próprio digital não seja um objeto de fácil definição, ou, muito menos, de consenso (acadêmico ou não), ele pode ser um grande "guarda-chuva" para "nos referir à totalidade de experiências que, direta ou indiretamente, guardam relações com os diferentes e multifacetados dispositivos digitais presentes na vida contemporânea" (Nascimento 2020, 13).

Ainda, fecha o primeiro capítulo alertando sobre uma série de questões referentes às limitações conceituais que se tem dado à sociologia digital:

[...] a sociologia digital não se resume ao mero estudo da "cultura on-line". Acreditar que estamos fazendo sociologia digital por estudar redes sociais digitais me parece totalmente equivocado. A sociologia digital não diz respeito somente à especificidade dos objetos que ela pesquisa, nem tampouco em relação ao uso de ferramentas digitais. O ponto central, na minha opinião, reside nas relações que precisam ser estabelecidas entre os métodos digitais, os dados sociais produzidos pelas tecnologias digitais e o legado das teorias sociológicas que nos foram úteis ao longo do século XX (Nascimento 2020, 15).

E complementa apontando que a sociologia digital é a tentativa de produzir inteligibilidade sobre um conjunto amplo e multifacetado de fenômenos que foram reunidos sobre o termo

"digital" (Nascimento 2020). Desta forma, seu estudo, além de extrapolar discussões já correntes a sociologia, como "o estudo da tecnologia, do uso computadores, da web e das plataformas [...], ainda explora a necessidade de atualizações conceituais e metodológicas especiais, porque o próprio ofício da sociologia foi afetado pelo digital" (Nascimento 2020, 15-16).

No segundo capítulo, "Digitalização e sociologia: entre desafios e *upgrades*" e, no terceiro, "A proposta da sociologia digital", o autor desenha dois caminhos diferentes: (1º) uma reconstrução de estudos sociológicos que deram ênfases à transformação da sociedade a partir das tecnologias digitais; (2º) a origem e consolidação da sociologia digital como um campo da sociologia e os diferentes aspectos teórico-metodológicos desenvolvidos ao longo desse processo. Nesse primeiro caminho, foco do segundo capítulo, o autor nos aponta para quatro importantes momentos: o trabalho de Andrew Abbott (2000); os trabalhos de Mike Savage e Roger Burrows (2007, 2014); o trabalho de James C. Witte (2012); e, por fim, o Manifesto da Ciência Social Computacional (Conte et al. 2012). Cada um desses, de sua forma, ajudaram a maturar na sociologia a possibilidade de um campo que investigasse o digital.

Andrew Abbott (2000) refere dois desafios centrais para o futuro da sociologia: (1) socio-estrutural, referente à redução de seu espaço institucional; (2) intelectual, a incapacidade da disciplina de lidar com a complexidade dos novos fluxos de dados digitais. Nesse cenário, Nascimento (2020) relaciona tal diagnóstico ao surgimento da sociologia digital, como um campo que busca novos conceitos e metodologias perante as mudanças tecnológicas.

Já Mike Savage e Roger Burrows (2007), em "A Crise Iminente da Sociologia Empírica", descrevem as transformações dos repertórios metodológicos da sociologia. Retomando o aspecto levantado por Abbott, acerca dos emaranhados de dados sociais, Savage e Burrows (2007) apontam que os sociólogos têm perdido espaço de protagonistas na coleta e análise dos dados sociais (digitais). Os exemplos pessoais trazidos à baila no artigo

sinalizam que a produção de dados, metadados e análises havia se tornado algo disseminado para além dos limites do campo acadêmico da sociologia. Anos mais tarde, com "Depois da crise? Big Data e os desafios metodológicos da sociologia empírica" (2014), os autores retomam seus argumentos, mas agora observando novas configurações sociais sendo delineadas. Tanto a popularização dos *Big Datas* quanto a ampliação do aprendizado de linguagens de programação e das plataformas de manipulação e visualização de dados estavam se tornando novas possibilidades dentro das Ciências Sociais. Porém, ao mesmo tempo que a dispersão de práticas analíticas revela a ampliação das fontes de dados as Ciências Sociais, reforça a fragilidade da sociologia diante de novas formas de produção de conhecimento e obtenção de dados sociais (*Big Datas*).

Nesse caminho, James C. Witte (2012) reforça que as tecnologias digitais transformaram tanto a sociedade quanto a própria disciplina, exigindo um "repensar" de seus fundamentos, pensando desde as novas possibilidades (acesso à informação científica, romper os limites dos métodos tradicionais, etc.) aos desafios (risco de perda de controle conceitual diante do excesso de dados). Essa preocupação converge para o "Manifesto da Ciência Social Computacional" (Conte et al. 2012), que defende o uso massivo de dados digitais na construção de modelos preditivos e na busca por leis gerais da vida social. No mesmo caminho que Abbott, Savage e Burrows, Witte, os autores do manifesto consolidam o diagnóstico de que a digitalização da sociedade impõe novos desafios teóricos e metodológicos às Ciências Sociais. Em comum, todos ressaltam que os sociólogos precisam lidar cientificamente com uma nova tipologia de dados que redefine tanto as práticas de pesquisa quanto às possibilidades de compreensão da vida social.

No segundo caminho, foco do terceiro capítulo, o autor reconstrói os primeiros passos, ou melhor, os primeiros estudos do campo da sociologia digital. Ao trazer a origem do campo, o autor faz uma reflexão que permeia a própria existência da sociologia digital: "[...] por que precisamos de

uma sociologia digital?" (Nascimento 2020, 20). Em resposta a essa reflexão, Nascimento nos apresenta quatro autores: Kate Orton-Johnson e Nick Prior (2013), com o livro *Sociologia Digital: perspectivas críticas*; Deborah Lupton (2015), com o livro *Sociologia Digital*; Noortje Marres (2017), com o livro *Sociologia Digital: a Reinvenção da Pesquisa Social*; e Neil Selwyn (2019), com o livro *O que é sociologia digital?*. Muito mais do que re-visitando cada obra, vale também trazer as principais contribuições levantadas pelo autor e como elas podem nos ajudar a pensar a sociologia digital.

Mesmo já apontado no capítulo anterior, o discurso foi reforçado por esses autores recentemente mencionados: sobre a necessidade de a sociologia de se reinventar, trazendo o delineamento de uma série de limitações, mas também de possibilidades para a própria disciplina se reinventar a partir da era digital (Lupton 2015; Marres 2017; Prior e Orton-Johnson 2013; Selwyn 2019). Outro fator levantado pelos autores é o da impossibilidade de "fazer sociologia" sem ser pelo digital (Lupton 2015; Marres 2017; Prior e Orton-Johnson 2013; Selwyn 2019). Isso se dá porque "não há como a sociologia ignorar ou mesmo atribuir uma importância secundária, pois nenhum dos seus tradicionais temas permaneceu incólume às tecnologias digitais" (Lupton 2015, 5).

Outro aspecto interessante se dá na questão da digitalização dos próprios acadêmicos/sociólogos (Lupton 2015; Marres 2017; Selwyn 2019): com relação às habilidades computacionais, ao uso de ferramentas computacionais (e informacionais) na pesquisa social, isto é, os instrumentos e métodos de pesquisa, à publicação das pesquisas e diferentes outros aspectos relacionados (Lupton 2015; Marres 2017; Selwyn 2019). Esse último aspecto mereceu importante ênfase pelas autoras, ao destacarem a necessidade de comunicação das pesquisas como parte fundamental da constituição das mesas ao se fazer sociologia digital. Ainda nesse aspecto, incorporamos também as dimensões de uso e manuseio dos grandes bancos de dados digitais (*Big Datas*) e do desenvolvimento das habilidades nos sociológicos para analisá-los (Lupton 2015;

Marres 2017; Selwyn 2019).

No quarto capítulo, "Sociologia digital: quo vadis?", Nascimento (2020), a partir das tipologias apresentadas principalmente por Lupton (2015), Marres (2017) e Selwyn (2019), reconstrói uma sistematização a partir de três tópicos, ou eixos, a partir dos quais se pode pensar a sociologia digital e as questões referentes ao campo. O primeiro deles "parte dos fenômenos relacionados à digitalização para a sociologia: seria necessário estudarmos os tradicionais temas da sociologia em relação às tecnologias digitais de informação e comunicação" (Nascimento 2020, 47). O segundo eixo "trata da própria sociologia em relação a suas práticas de pesquisa: utilizar os dados e as ferramentas digitais associados a uma reflexividade crítica acerca das tecnologias e, ao mesmo tempo, pensar a digitalização do próprio aprendizado do ofício do sociólogo" (Nascimento 2020, 47). E o terceiro eixo "trata do engajamento da sociologia digital com o público externo ao campo científico, buscando a divulgação dos resultados das nossas investigações: a maneira de produção, divulgação e engajamento do conhecimento científico, não apenas da sociologia, se modificando" (Nascimento 2020, 47). Diante disso, Nascimento (2020) se debruça especificamente em dois desses tópicos, a fim de produzir alguns tensionamentos para avançar no debate levantado por ele nos capítulos anteriores.

Com relação ao primeiro tópico, o autor discute como os fenômenos digitais afetam de forma transversal todos os campos da sociologia (Nascimento 2020, 48), impondo a necessidade de uma reflexão crítica sobre suas especificidades históricas e metodológicas, visto que a capilaridade do digital surte efeitos nos diferentes objetos da sociologia de modo geral. Além disso, ele levanta questões sobre a pertinência de se falar em "sociologia digital" – já que, se todo o campo for impactado, o adjetivo poderia perder sentido – e sugere que tal movimento pode estar ligado tanto à disputa por capital simbólico quanto a transformações estruturais das sociedades contemporâneas (Nascimento 2020, 49). Ainda, aponta uma reflexão importantíssima referente

ao caráter paradoxal do processo, em que a sociologia é simultaneamente sujeito e objeto da digitalização, sendo forçada a lidar com essa retroalimentação em vez de buscar um ponto externo de análise (Nascimento 2020, 49). Por fim, destaca os desafios epistemológicos que atravessam as Ciências Humanas diante da digitalização do mundo e das áreas (sociologia digital, história digital, humanidades digitais, etc.), indicando que a interdisciplinaridade e o reconhecimento do hibridismo entre humanidades e tecnologias digitais tornam-se condições indispensáveis para enfrentar problemas comuns e buscar soluções compartilhadas (Nascimento 2020, 49-50).

Já referente ao segundo tópico, Nascimento (2020) destaca os desafios e as possibilidades que as tecnologias digitais trazem à prática sociológica. Partindo de um comparativo metafórico, ele descreve uma série de diferentes etapas (cinco) que envolvem o uso e o domínio de ferramentas digitais, passando pelo aprendizado e letramento em ferramentas, até o domínio mais crítico e reflexivo sobre suas arquiteturas e limitações. Nesse percurso, surgem diferentes níveis de engajamento: desde entendimento da existência e da utilidade dos recursos (1), entendimento de como esses recursos se aplicam na prática (2), entendimento sobre como usá-los, e, a partir de agora, passa a explorar as diferentes (e novas) possibilidades que esses recursos lhe propõe (3). Uma tríade que o autor define como "utilidade, aprendizado e aperfeiçoamento" (Nascimento 2020, 51). Com domínio dos recursos, o pesquisador passa a entender melhor os limites e as possibilidades das ferramentas e faz um uso mais lógico de suas usabilidades para cada tipo de finalidade (4). Assim, mediante, sobretudo, as limitações, surge de um novo mar de possibilidades e até inventividades o domínio sobre linguagens de programação e recursos que permitam-no criar a partir dos limites impostos. Em termos práticos, enquanto esses três primeiros níveis envolvem ações mais cotidianas como uso de *e-mails*, uso de currículos e plataformas digitais, repositórios e gerenciadores bibliográficos digitais, o quarto nível se estabelece no uso de *softwares* de análise

qualitativa e quantitativa (como [ATLAS.ti](#), Nvivo, MAXQDA) e de georreferenciamento (como ArcGis e QGIS), e o quinto, no uso de programação em R ou Python, que abre um leque de novas possibilidades e caminhos sobre como usar e interpretar dados e, até mesmo, produzir novas ferramentas (Nascimento 2020, 51-55).

Mesmo assim, o autor ainda deixa claro que, mesmo com essas construções em termos de habilidades sociológicas, ainda é possível e válido continuar utilizando métodos clássicos, como etnografias e entrevistas para as pesquisas sociais. Porém, com isso – e esse é ponto central de seu argumento –, ao se ignorar a dataficação das práticas sociais (Lemos, 2021) e os rastros digitais (posts, mensagens, GPS, áudios, etc.), corre-se o risco de limitar a capacidade de compreensão da ação social no contexto atual. O texto também aborda a dimensão pública da sociologia digital, marcada pelo uso de redes sociais acadêmicas e plataformas digitais (ResearchGate, Google Acadêmico, Twitter). Elas permitem ampliar a circulação de pesquisas e contatos, mas também levantam críticas quanto à lógica de métricas e *feedbacks* que podem capturar o pesquisador como "mais um usuário". Além disso, o engajamento em ambientes digitais traz dilemas antigos da disciplina, como o risco de confundir ciência com posicionamentos ideológicos, e novos problemas, como o envolvimento emocional que pode comprometer o distanciamento crítico. Por isso, ainda que sejam instrumentos valiosos de visibilidade e troca, as redes exigem vigilância epistemológica para que a sociologia não se perca entre autojustificativas, fantasias coletivas e pressões simbólicas típicas desses ambientes.

Embora o autor conclua o texto denotando um caráter introdutório a sua obra, ela traz consigo um conjunto de teorias, concepções, tensionamentos e abordagens ao olhar o digital como objeto da sociologia, mas, sobretudo, ao reconhecer a sociologia digital como um campo independente da sociologia contemporânea. Campo esse que, conforme Nascimento (2020) e uma série de outros autores por ele levantados, detém métodos, teorias e paradigmas próprios ao

campo e a suas questões.

Referências

- Abbott, Andrew. 2000. "Reflections on the Future of Sociology." *Contemporary Sociology* 29: 296-300. <https://doi.org/10.2307/2654383>.
- Boullier, Dominique. 2016. *Sociologie du numérique*. Armand Colin. <https://doi.org/10.3917/arco.boull.2016.01>.
- Conte, Rosaria, Giulia Bonelli, Claudio Cioffi, Guillaume Defuant, János Kertész, Vittorio Loreto, Suzy Moat, Jean-Pierre Nadal e Angel Sánchez. 2012. "Manifesto da ciência social computacional." *Tópicos Especiais do European Physical Journal* 214: 325-346. <https://doi.org/10.1140/epjst/e2012-01697-8>.
- Fish, Adam, Luis F. R. Murillo, Lilly Nguyen, Aaron Panofsky e Christopher M. Kelty. 2011. "Pássaros da internet: Rumo a um guia de campo para a organização e governança da participação." *Journal of Cultural Economy* 4 (2): 157-87.
- Lemos, André. 2021. Dataficação da vida. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 21 (2): 193-202. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>
- Lupton, Deborah. 2015. *Digital Sociology*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315776880>
- Marres, Noortje. 2017. *Digital Sociology: the Reinvention of Social Research*. Polity Press.
- Nascimento, Leonardo F. 2020. *Sociologia digital: uma breve introdução*. Salvador: EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32746>
- Orton-Johnson, Kate, e Nick Prior. 2013. *Digital Sociology: Critical Perspectives*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9781137297792>
- Salanskis, Jean-Michel. 2011. *Le monde du computationnel*. Encre marine.
- Savage, Mike e Roger Burrows. 2007. "A Crise Iminente da Sociologia Empírica." *Sociologia* 41. <https://doi.org/10.1177/0038038507080443>.
- Savage, Mike e Roger Burrows. 2014. "Depois da crise? Big Data e os desafios metodológicos da sociologia empírica." *Big Data & Sociedade* 1. <https://doi.org/10.1177/2053951714540280>.
- Selwyn, Neil. 2019. *What is Digital Sociology?* Polity Pres.
- Witte, James C. 2012. "A ciência social digitalizada: avanços, oportunidades e desafios." *Sociologias* 14 (31). <https://doi.org/10.1590/S1517-45222012000300004>.

João Pedro Theves

Licenciando em Ciências Sociais pela UFRGS. Bolsista de Apoio Técnico a Pesquisa 1A do projeto "Segurança no Brasil: concepções e dilemas" vinculado ao INCT - Violência, Poder e Segurança Pública (INVIPS/CNPq). Integrante do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania.

Endereço para correspondência**JOÃO PEDRO THEVES**

Avenida Bento Gonçalves, 9500

Sala 210, IFCH - Agronomia, 91509-900

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.